

## **“O QUE PODE” E “O QUE NÃO PODE” NO BRASIL: PERSPECTIVAS (DES)GOVERNAMENTAIS**

A pandemia de Covid-19 chegou e trouxe a necessidade de isolamento e afastamento de nossos corpos do mundo físico. Mas, ao mesmo tempo, em que o vírus nos impedia de ocupar as ruas, escolas, espaços de entretenimentos, ... ele nos impulsionava a alargar e expandir as nossas redes para além dos *'espaçostempos'*<sup>1</sup> que estávamos acostumados a pertencer.

Resistimos ao período pandêmico criando formas de circulação de *'conhecimentossignificações'* através de imagens e sons. Nossas existências e práticas docentes foram reconfiguradas pelos memes, charges, podcasts, filmes, animações, plataformas de streamings e sites de buscas. Os usos das artes e dos artefatos culturais se tornaram ações indispensáveis *'dentrofora'* das escolas. E, assim, fomos tecendo novas formas de *'verouvirsentirpensar'* o mundo, os cotidianos e as escolas.

Ao mesmo tempo em que lidamos com essa reinvenção dos nossos cotidianos, também fomos buscando, cada um a seu modo e também coletivamente, formas de lidar com o luto coletivo e passar

---

<sup>1</sup> Utilizamos a escrita de palavras unidas, em itálico e entre aspas simples, porque consideramos que as dicotomias limitam o desenvolvimento das pesquisas com os cotidianos. Por vezes, algumas palavras aparecem invertidas em relação ao modo como são ditas para mostrar a multiplicidade dos cotidianos com os quais vivemos, nos formamos e pesquisamos.

por turbilhões de medo, indignação e em muitos momentos, também desespero.

Além dos males causados por esse vírus, que tirou mais de 660 mil vidas no Brasil, há as consequências das ações do nosso governo atual, que não só negligenciou e negou a pandemia, mas instaurou um caos social, econômico e sanitário sem precedentes. Diante de todas as consequências, mortes, descasos, desequilíbrios e negacionismo, uma onda de manifestações contra o atual governo se acentuou.

Figura 1 - Lollapalooza 2022



Fonte: Facebook

O festival Lollapalooza, que aconteceu em São Paulo nos dias 25, 26 e 27 de março de 2022, contou com uma série de shows de artistas brasileiros que se manifestaram contra o Governo Bolsonaro, sob ameaças de multas amparadas por uma liminar federal que proibia manifestações políticas, posteriormente revogada.

Dessa forma, nos propomos a pensar neste artigo acerca do que "pode" e o que "não pode" no Brasil, de acordo com as perspectivas (des)governamentais. Perante o que ocorreu no Lollapalooza, o que mais, dentro dessa perspectiva, não pode?

Figura 2 - Negacionismos



Fonte: Facebook

A figura 2 endossa as perspectivas conservadoras e fundamentalistas que nos cercam atualmente, onde os movimentos sociais e as ideias de representatividade, diversidade e preservação do meio ambiente são postas como ameaças aos “valores tradicionais”. Encaradas como “ideias que precisariam ser silenciadas”, se encaixam na categoria do que “não pode”.

Essas imagens que circulam com tanta rapidez nos ciberespaços, que, por vezes, nos incomodam, movimentam o nosso pensamento para além das estruturas rígidas das disciplinas e emergem como grandes aliadas no ‘*fazer pensar*’ currículos escolares distantes das regulações e das normatividades. Elas apontam caminhos e possibilitam conversas acerca do que é permitido ou não na perspectiva do atual governo e nos faz caminhar por brechas e linhas de fuga. Nos provocam e nos confrontam a todo momento com as dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas da educação.

Figura 3 – Racismo estrutural



Fonte: [chargeonline.com.br](http://chargeonline.com.br)

Este artigo encaminha-se para o fim com certa dificuldade. Pois são muitos os exemplos do que “pode” e o que “não pode” para o atual governo. Todas essas ações e manifestações que privilegiaram a vida de uns em prol de outros, como o racismo estrutural e institucionalizado no Brasil que mata todos os dias, evidenciou ainda mais as desigualdades, interferindo diretamente nos cotidianos escolares.

Apesar das tentativas conservadoras de silenciamentos das pautas que simbolizam a diversidade e a singularização, com a criação de categorias do que é aceitável, importante e prioridade, o que chamamos neste arquivo “do que pode”, há nos cotidianos a possibilidade de subversão nestas narrativas. Através dos desvios, fugas e hibridizações, os praticantes vão tecendo em suas redes cotidianas, táticas que escapam às normas regulatória dos corpos e ideais.

## **Referências:**

ALVES, Nilda. Sobre as redes educativas que formamos e que nos formam. In Alves, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. S. Paulo: Cortez, 2019: 115 – 133.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSUKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente - questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019: 19-46.

GALLO, Silvio. A Vila: microfascismos, fundamentalismo e educação. In Gallo, Silvio e Veiga-Neto, Alfredo (orgs). *Fundamentalismo e Educação – A Vila*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009: 17-35.

## **Sobre as autoras:**

### **Talita Malheiros**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ/ProPEd (2021). Integrante do GRPesq "Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons", coordenado pela Prof<sup>a</sup> Nilda Alves. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD pela UFF e em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela UnB. Licenciada em Educação Artística, com habilitação em História da Arte, pela UERJ. Atua como professora de Artes Visuais na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Bolsista de Mestrado do CNPq, com vigência de 03/2021 a 01/2023.

### **Isabela Pereira Vique**

Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro. Doutoranda em Educação pelo PROPEd/UERJ. Possui Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – Proped/ UERJ. Graduação em Pedagogia UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Maria da Conceição Silva Soares. Criadora de conteúdo da página do instagram @fridavaiaescola.